

Uma História da Filosofia

03 Os sofistas gregos

Por Dr. Arthur Holmes, do Wheaton College

Passamos dois dias falando sobre os pré-socráticos, e espero que agora você tenha uma boa noção do que eles estavam fazendo. Geralmente tratados como especulação cosmológica pré-científica, porém, permeando tudo isso, e em alguns aspectos subjacente a tudo, está a tentativa deles de compreender esse paralelo tão notável e extraordinário entre a unidade ordenada da natureza, a unidade ordenada de uma cidade-estado e a unidade ordenada da vida moral de um indivíduo, como deveria ser, pelo menos. E, conseqüentemente, o que poderíamos chamar de fundamento metafísico da moral.

Pensar em termos de uma ética que se fundamenta na própria natureza da realidade. Fundamentação metafísica da moral. Ora, quando chegamos, como fazemos agora, aos sofistas, descobrimos que, não todos, mas em geral, os sofistas reagem ao que vinha acontecendo antes.

Eles não gostam disso. E, na verdade, se somarmos aos dois aspectos dos pré-socráticos que temos enfatizado, e acrescentarmos o terceiro ponto que mencionamos de passagem, ou seja, suas tentativas de compreender, ou o início do desenvolvimento de algum conceito de Deus, eles também se mostram céticos em relação a isso. Portanto, na prática, o que encontramos nos sofistas é, antes de tudo, ceticismo quanto à possibilidade de conhecer a verdade sobre a realidade.

Sobre a natureza. E o termo natureza, para os gregos, é simplesmente o que é. Ceticismo quanto ao conhecimento da verdade sobre a realidade.

É como se, em vez de se envolverem nas disputas entre os vários grupos de pré-socráticos, monistas, pluralistas e tudo o mais, eles estivessem dizendo, na prática, "uma praga sobre todos os seus grupos e sobre toda a sua empreitada". Eles simplesmente não querem isso. Eles desistem.

E as queixas que eles têm são, por exemplo, que nos deparamos constantemente com a incompatibilidade de diferentes posições. Ou o que às vezes é chamado, especialmente nos últimos anos, de incomensurabilidade de certas posições. Simplesmente não se pode traduzir uma para a linguagem da outra.

Simplesmente não combinam. Não se harmonizam. Separam-se.

Mas, além disso, há o princípio da equipolência dos argumentos. Equiolência significa simplesmente que os argumentos a favor não têm mais peso do que os argumentos

contra. Assim, os argumentos a favor de uma posição são anulados pelos argumentos a favor de outra posição ou contra a primeira posição.

Conforme você avança. E essas características, que surgem em alguns dos sufixos, são características do ceticismo na história subsequente. Existem certos tipos de argumentos a favor da posição de que você não pode conhecer a verdade.

O argumento da equipolência dos argumentos é característico. A ênfase na incomensurabilidade das alternativas, mais uma vez. E, claro, a incompatibilidade e a contradição inerentes a toda a gama de diferentes pontos de vista.

Então, se os sofistas não gostam e rejeitam o que os pré-socráticos fazem em sua cosmologia pré-científica, o que fazem em vez de tentar reunir a verdade? Eles se afastam da busca pelo conhecimento e se dedicam à prática da retórica. Tentam persuadir por meios não lógicos. Entende?

Assim, se preferir, os sofistas parecem se dedicar mais à retórica do que à filosofia. À retórica do que a qualquer ciência. Lembre-se de que a palavra ciência, até por volta de 1800, significava simplesmente conhecimento de natureza teórica.

Portanto, são céticos em relação à cosmologia . Além disso, o interesse deles reside em assuntos práticos, e não em questões teóricas. Em assuntos práticos, onde se esperaria, ao menos seguindo a linha do pensamento pré-socrático, que surgissem preocupações éticas.

A preocupação com a boa vida, bem ordenada, com uma moralidade fundamentada na natureza das coisas . Mas não é assim que pensam os sofistas. Eles preferem encarar a moralidade como algo convencional.

É simplesmente uma questão de acordo social, prática social, talvez o que chamaríamos de contrato social, e, portanto, bastante relativista. Eles estão mais orientados para alcançar o sucesso, vencer um debate e uma discussão, do que para a busca da verdade e da justiça. Entende?

Pelo menos é essa a impressão que temos de alguns fragmentos de seus escritos e de Platão e Sócrates. Em outras palavras, vemos nos sofistas a atitude de Demócrito com seu materialismo. Só que os sofistas não têm uma metafísica materialista, eles não têm uma metafísica .

Demócrito, como você deve se lembrar, rejeitou a noção de que a moralidade se fundamenta na natureza da realidade , ordenada de alguma forma por algum princípio racional. Não, para Demócrito, o resultado das coisas é uma questão de acaso. Portanto, use o que você sabe para se divertir, mas evite os excessos dolorosos.

Bem, alguns sofistas são hedonistas assim, sim, mas, em todo caso, eles rejeitam qualquer noção de lei moral natural que começa a aparecer nos pré-socráticos. Rejeitam qualquer noção de lei moral natural. Uma moralidade fundamentada na natureza das coisas .

E, em vez de se opor a isso, a alternativa é o relativismo ético. Um relativismo ético bastante completo. Se você estiver interessado em aprofundar esse tipo de questão, os escritos recentes do filósofo Alasdair MacIntyre merecem sua atenção.

Alasdair MacIntyre, atualmente em Notre Dame, escreveu uma série de três volumes que mencionarei mais adiante, referentes à história da ética sob essa perspectiva. Ao tentar desviar nossa atenção de uma ética de papéis, onde há tanta incomensurabilidade entre as diferentes abordagens, ele acredita que jamais chegaremos a lugar nenhum. Ele não nos direciona ao relativismo, pois também rejeita essa alternativa, mas sim a uma ética que enfatiza as virtudes.

O tipo de tradição que tem raízes em Platão e Aristóteles. Seu livro mais recente a esse respeito se chama Três Versões Rivals da Investigação Moral. Três Versões Rivals da Investigação Moral.

Uma dessas versões é a ética iluminista do século XVIII, que considerava a ética como uma ciência que se desenvolve cumulativamente até que todos alcancemos um consenso perfeito sobre o bem, o certo e tudo o mais. A outra é uma ética representada por pessoas como Nietzsche, completamente relativista, que, portanto, retorna à busca pelo poder em vez da justiça. Interessantes ecos de alguns sofistas.

E a terceira é uma ética da virtude que remonta à tradição platônica-aristóteles. E ele a encontra desenvolvida de forma muito mais completa em Tomás de Aquino. Portanto, é algo muito interessante.

É aqui que reside a vanguarda do debate atual sobre teoria ética. É interessante como, de muitas maneiras, ela remonta à Antiguidade. Em outras palavras, segundo MacIntyre, para entender o cenário da década de 1990, ou melhor, da década de 1980, já que ele escreveu o texto nos anos 80, mesmo que agora estejamos nos anos 90, para compreender o cenário ético da década de 90, é preciso voltar muito, muito atrás, à Grécia Antiga.

Veja bem. A história de como chegamos aonde estamos. Além disso, como eu disse, os sofistas são céticos quanto a saber qualquer coisa sobre Deus.

Se existe um Deus ou deuses. Agora, dê uma olhada em algumas das seleções que temos dos sofistas, e você entenderá esse ponto. Veja na página 53 de Kaufman.

Página 53. Onde você encontra alguns trechos breves de Protágoras. E o primeiro deles é muito citado até hoje.

Tenho certeza que você já ouviu isso. Essencialmente, o homem é a medida de todas as coisas. Certo.

Você percebe isso no primeiro parágrafo, lá no final do 53. De todas as coisas, a medida é o homem. Das coisas que são, que elas são.

De coisas que não são, que elas não são. Certo. Quem diz o que é? Entende?

O indivíduo, aparentemente, é o juiz. Somos nós que criamos a nossa verdade. A verdade parece ser uma questão de construção, e não de descoberta.

Uma interessante antecipação do tipo de coisa que às vezes se diz sobre a situação atual. Algum de vocês já tentou ler o best-seller de Alan Bloom de alguns anos atrás, "O Declínio da Mente Americana"? Talvez se lembrem de que ele reclama que o estudante universitário contemporâneo fala como se não existissem verdade ou falsidade. Como se não existissem verdade ou falsidade.

Certo ou errado. Não. Nós criamos nossos próprios valores.

Veja bem. O que é verdade para mim pode não ser verdade para outra pessoa. O homem é a medida de todas as coisas.

Nesse sentido. Assim, o ditado do protagonista é frequentemente tomado como o epítome do relativismo. E quando você olha na página seguinte, 54, parágrafo número 4, sobre os deuses.

Não sou capaz de saber se existem ou não, nem como são. Os fatores que impedem o conhecimento são muitos: a obscuridade do assunto e a brevidade da vida humana.

Bem, talvez concordemos sobre a obscuridade do assunto e a brevidade da vida humana. Mas observe que ele demonstra um pessimismo generalizado quanto à possibilidade do conhecimento. E interessante novamente, 6B, aquele pequeno ditado: tornar a causa mais fraca mais forte.

Não sei o que ele tinha em mente. Mas fazer com que o mais fraco cause o mais forte parece algo bastante artificial. Entende?

Como se houvesse alguma inversão de ordem. Bem, Protágoras. As próximas seleções são de Górgias.

E aqui o ceticismo é muito evidente. Esta seleção foi retirada , aliás, de Sexto Empírico. De seus esboços sobre o pirronismo, creio eu.

Sexto Empírico foi um escritor romano que tentou fazer uma espécie de resumo, um esboço, um resumo do ceticismo ao longo da história. Então, Górgias aparece. E observe os três pontos principais do esboço no início.

1. Nada existe. 2. Se algo existe, é incompreensível. Não pode ser conhecido.

3. Se algo é compreensível, se você pode conhecê-lo, então é incomunicável. Você não pode falar sobre isso. Ora, seria difícil encontrar um ceticismo mais completo do que esse.

Nada existe. Bem, você diz que não sabe ao certo. Certo, então, se alguma coisa existe, eu não posso saber o que é.

Bem, talvez eu não saiba disso com certeza. Mas mesmo que soubesse , não poderia contar para você nem para ninguém. Não conseguiria falar sobre isso.

Veja, repare na ressalva: "Bem, eu não sei ao certo, mas mesmo que soubesse...". Porque um cético completo é aquele que não consegue afirmar que nada existe. Porque se ele soubesse disso, não seria um cético completo.

Um cético completo não pode dizer: "Eu não posso saber nada". Se ele pudesse saber isso, não seria um cético completo. Um cético completo só pode dizer: "Bem, até onde eu sei, eu não posso saber nada".

Pelo que sei, nada existe. Bem, se algo existe, então... E aqui está, no querido Górgias. Observe como ele desenvolve isso em Romanos 2, na parte inferior da primeira coluna, em 55.

Se os conceitos da mente não são realidades , isto é, se aquilo em que pensamos não é real, a realidade não pode ser pensada. A realidade não pode ser pensada. Se não podemos pensar sobre ela, a realidade não pode ser pensada.

A questão, portanto, é se existe alguma correspondência entre pensamento e realidade. Presumivelmente, ele está pensando que a verdade seria algum tipo de correspondência entre pensamento e realidade. Mas, se não há correspondência, então aparentemente não somos capazes de pensar sobre a realidade.

Ou veja Romanos 3, onde ele fala sobre o problema da comunicação. Seis linhas depois, nesse parágrafo. Aquilo com que nos comunicamos é a fala.

A fala não é a mesma coisa que as coisas que existem. Portanto, comunicamos não as coisas que existem, mas apenas a fala. E, no fundo dessa questão, a fala nunca poderá representar exatamente o que é perceptível.

O que percebemos são coisas que, obviamente, são aquilo que enxergamos. A fala nunca pode representar exatamente o que percebemos, pois é diferente disso. E o que percebemos é apreendido por cada tipo de órgão sensorial.

A fala utiliza outro sistema. Portanto, como os objetos da visão não podem ser apresentados a nenhum outro órgão além da visão, os diferentes órgãos dos sentidos não podem transmitir informações uns aos outros. Da mesma forma, a fala não pode fornecer informações sobre os sentidos perceptíveis .

Portanto, se algo existe e é compreendido, não pode ser comunicado. Conclusão. Mas, no material subsequente, observe o que mais é atribuído a Górgias.

Observe aquele incônio em Helena. Parágrafo 1. Que tipo de virtudes são essas de que ele está falando? A glória de uma cidade é a coragem de um corpo, a beleza de uma alma, a sabedoria da ação, a virtude da palavra e a verdade. É correto, em todas as circunstâncias, elogiar o que é louvável e repreender o que é repreensível .

Agora repare nessa mistura de virtudes. Veja bem, falar de coragem e beleza, ora , são aquelas antigas virtudes heroicas. Entende ? Virtudes heroicas.

O que ele quer dizer com sabedoria não fica claro. O termo pode ser traduzido como prudência. E prudência pode simplesmente significar zelar por si mesmo por causa das consequências.

Portanto, parece que Górgias está se referindo às virtudes de cunho heroico. Essas virtudes surgiram em alguns dos primeiros gregos e foram criticadas por figuras como Hesíodo e outros, que se preocupavam muito mais com a justiça do que com a coragem, a beleza e assim por diante.

Bem, enquanto você continua a leitura, observe o parágrafo 8, na mesma página. A fala é um grande poder que realiza as obras mais divinas por meio da forma mais simples e menos visível. Ela pode pôr fim ao medo, dissipar a tristeza, criar alegria e aumentar a compaixão.

O poder da retórica. Ah, claro, você sabe o que é se sentir inspirado por um discurso, por um orador, entende? Provavelmente você não se lembra do discurso original "Eu Tenho um Sonho" de Martin Luther King.

Lembro-me de estar sentado em frente à televisão, ouvindo e assistindo àquilo, e sentindo vontade de me levantar e aplaudir. A retórica pode fazer coisas maravilhosas. Bem, veja o parágrafo 12 na página oposta.

A persuasão pela fala equivale ao sequestro pela força. Ah, eu não tinha escolha. E no capítulo 13, a persuasão, quando somada à fala, pode causar qualquer impressão que desejar na alma.

Manipulador. E 14, o poder da fala sobre a constituição da alma pode ser comparado ao efeito das drogas sobre o estado corporal. Faz você dormir.

Certo. Então, o que Górgias vê é o tremendo potencial para o bem ou para o mal. Seja como for, você define isso na retórica.

E então, vamos ver. Não, acho que já chega de Górgias. Um dos outros sofistas de quem não temos uma seleção, mas que certamente aparece como um dos personagens em alguns diálogos de Platão, particularmente na República, foi Trasímaco.

E há alguma referência a ele em Stumpf, em seu relato sobre os sofistas. Mas a Trasímaco é atribuída a frase de que a justiça é o interesse do mais forte. A justiça é o interesse do mais forte.

Ou, se preferir, talvez... O que é certo é quem detém o poder. É precisamente essa a tese que Friedrich Nietzsche elaborou por volta de 1900 em sua obra sobre a genealogia da moral.

Sim, de fato. Assim, Trasímaco surge como, por assim dizer, o relativista ético. Mas o relativista ético percebe que o poder por trás da persuasão moral reside no poder da retórica.

O que torna a retórica tão significativa? O fato de ela apelar para as emoções em vez da razão. E, aliás, para reforçar esse ponto, você notou como me inclinei para a frente e, com um bom estilo retórico, disse : " Ela apela para as emoções", e eu capto suas emoções, seus sentimentos, ao dizer isso. Não que a retórica em si seja ruim.

É errado apelar para as emoções . Mas é errado manipular a emoção quando a razão é desligada, ignorada, adormecida, entorpecida. Essa é a diferença.

Isso apresenta um contraste fascinante que exploraremos ao estudarmos Sócrates e Platão. O contraste entre o uso do pensamento cuidadoso, da argumentação reflexiva e da investigação filosófica, em contraposição ao uso da retórica. Como você pretende influenciar o ponto de vista das pessoas? De que maneira?

Manipulação retórica das emoções ? Apenas? Ou, basicamente, bom pensamento, que se torna convincente?

Bem, esta é a imagem dos sofistas. Às vezes se diz que essa não é a imagem completa. E, de fato, você tem uma seleção de Antífona do mesmo período.

Quem, como indicam as notas do nosso editor, pode ou não ter sido um sofista. Há alguma controvérsia a esse respeito. E Antífona parece ser, nesse tipo de conflito, um dos mocinhos, e não um dos vilões.

Observe na página 59, onde Antífon diz: "A justiça não consiste em transgredir a lei do Estado em que se é cidadão. Um homem pode melhor conduzir-se em harmonia com a justiça se, na presença de testemunhas, defender as leis, e na ausência de testemunhas, defender os preceitos da natureza." Note agora que os preceitos da natureza...

Os preceitos das leis são impostos artificialmente. Os da natureza são obrigatórios. Onde está a autoridade superior? Os preceitos das leis são alcançados por consenso, não pelo crescimento natural.

Enquanto as leis da natureza não são uma questão de consentimento. Se você discorda de uma lei moral natural, azar o seu. Isso não afeta a lei moral em si; afeta você.

Não é uma crítica aos Dez Mandamentos o fato de as pessoas não os observarem; essa é a crítica às pessoas que não os observam. Veja bem, é esse o tipo de argumento que ele está apresentando. Então, se o homem que transgredir o código legal se esquivar daqueles que concordaram com esses preceitos, ele evita a desgraça e a punição.

Se ele não se esquivar daqueles que emitiram os decretos, então não escapa às consequências. Ele é apanhado e punido. Mas, se um homem viola leis inscritas na natureza, mesmo que escape à detecção humana, o mal não é menor.

E mesmo que todos vejam, o mal não é maior. Ele não é prejudicado por causa de uma opinião nesse caso, mas sim pela verdade dos fatos.

Portanto, Antífon, muito claramente, está do lado de pessoas como Hesíodo e Sófocles. Assim, a transição parece ficar clara. Observe o topo da página 60 e você verá outro parágrafo ali.

Reverenciamos e honramos aqueles que nasceram de pais nobres. Mas aqueles que não nasceram de famílias nobres, não reverenciamos nem honramos. Nisso, somos como bárbaros.

Ah, virtudes heroicas não contam. Entende ? Nascimento nobre. Postura aristocrática.

Essas não contam. Somos como bárbaros nesse aspecto. Por natureza, nascemos todos iguais em todos os sentidos, tanto bárbaros quanto gregos.

E todos os homens têm o direito de observar a lei da natureza, o que é obrigatório. Portanto, o contraste fica bastante claro quando chegamos a esse ponto. Algum comentário ? Alguma pergunta? Vejam só o tipo de questões que isso levanta .

Será que a discordância filosófica, como a que vemos entre os pré-socráticos, significa que o único resultado possível será o ceticismo e o relativismo? Sobre a verdade e a bondade? Não. Não necessariamente. Será que a única alternativa é substituir a busca pelo conhecimento pela retórica e pela busca pelo poder? Não.

Não necessariamente. Mas repare que, se houver outra alternativa, precisamos de uma teoria do conhecimento que sustente a ideia de que o conhecimento é possível. Entende ? Talvez o problema dos pré-socráticos não fosse a busca pelo conhecimento, mas sim a falta de método nesse processo.

Eles estavam especulando, dando palpites. Uma espécie de palpite intelectual. Criando histórias prováveis.

Em vez de analisarmos o problema, a questão, as dificuldades, por algum motivo, buscamos uma espécie de conclusão. Em outras palavras, precisamos de uma metodologia de conhecimento. Algo que os pré-socráticos aparentemente não possuíam.

E é precisamente isso que Platão e Aristóteles abordam. Não só isso, como também abordam essa necessidade óbvia. E a tentativa de compreender a natureza própria do conhecimento em relação às metodologias de conhecer é, naturalmente, o ramo da filosofia conhecido como epistemologia.

Assim, aquela parte da agenda filosófica que era tácita nos pré-socráticos torna-se uma parte explícita da agenda filosófica. Uma parte importante dela. Desde Platão.

Até agora, falei sobre os pré -socráticos e sobre os sofistas. Sócrates será o próximo.

Alguma pergunta ou comentário sobre os sofistas ? Sim. Não. Não, conforme você for lendo o material em Stumpf, se ainda não o fez, encontrará algumas observações sobre o estilo deles.

Eles não constituíam uma escola de pensamento em nenhum sentido organizado. Não estavam todos reunidos em um só lugar. O termo sofista significa literalmente sábio.

Porque alegavam possuir sabedoria. Eram popularmente considerados sábios, pessoas que, de forma itinerante, passavam um tempo em uma cidade, estado ou outro, ensinando os jovens.

Professores itinerantes. Entende? E eles alegavam ensinar-lhes sobre o bem.

Mas o que eles estavam realmente fazendo? Bem, veja bem, a queixa é que eles não estão ensinando a eles o que é bom e verdadeiro. Estão ensinando a eles habilidades retóricas. Como ter sucesso na esfera pública sendo um jovem aristocrata.

Como progredir na vida. Como conquistar amigos e influenciar pessoas. E assim Platão os trata como se fossem traidores da herança da verdade e da justiça, que deveriam estar difundindo.

Entende? Pois é. Então, não há cooperação entre eles.

Na verdade, trata-se de um grupo heterogêneo de pessoas que desenvolveram esse tipo de ideia. Bem, agora, deixe-me falar um pouco sobre Sócrates. Até agora, tenho usado os nomes de Sócrates e Platão quase como sinônimos.

Bem, mais uma vez, leia o que Stumpf tem a dizer. Sócrates parece ter sido considerado pelos atenienses como mais um desses sábios, semelhante aos sofistas, que talvez fossem associados em suas mentes como sendo do mesmo tipo. Ou seja, ele era aceito de forma indiscriminada por seus pares.

Veja bem, assim como os sofistas. Mas Sócrates era diferente. Ele era diferente.

Ele desenvolveu o que ficou conhecido como método socrático. Como ele mesmo disse, estava seguindo a tradição familiar. Sua mãe era parteira.

Ele disse que está seguindo o mesmo caminho. Ele é uma espécie de parteira intelectual, dando à luz as ideias que as pessoas estão gerando. As ideias que se formam em suas mentes precisam vir à tona e serem examinadas.

Assim, ele encara o que faz como um exercício, uma espécie de parteira intelectual. Por quê? Para que, na busca da verdade, a alma possa ser devidamente desenvolvida, nutrida e disciplinada. Sua principal preocupação não é o sucesso, mas a formação moral da alma humana.

O cuidado da alma. E quando chegarmos a Platão, veremos que ele segue essa linha. O aprimoramento da alma é o que preocupa Platão.

Ah, aparentemente Platão conhecia Sócrates e adotou seu método. Acontece que ele ensinava e escrevia de forma mais sistemática, e assim os escritos de Platão chegaram até nós, e em muitos dos diálogos, Sócrates é o personagem principal. Portanto, quando falamos de Sócrates, estamos falando, na verdade, do Sócrates que conhecemos através dos diálogos de Platão.

Pouco se sabe sobre ele de forma independente, através de outros escritores gregos. Não muito. Assim, Sócrates, nesse sentido, é o pensador seminal a partir de cuja obra se desenvolveu a visão muito mais ampla e sistemática de Platão sobre as coisas.

Um ditado muito conhecido de Sócrates é: conhece-te a ti mesmo, pois é somente quando nos conhecemos, quando conhecemos a nossa própria condição, que podemos cultivar e nutrir ainda mais a nossa alma. E é esse cultivo, esse cuidado com a alma, que constitui a sua maior preocupação. Ora, nessa empreitada, o que ele faz? Primeiro, ele tenta levar as pessoas a refletirem sobre a verdade, sobre a bondade, sobre as virtudes.

E se vocês analisarem a lista de diálogos platônicos que eu lhes dei, perceberão que há diversos diálogos sobre diferentes questões e virtudes. Toda a República de Platão gira em torno da questão: o que é justiça? Ah, e começa com uma discussão entre Sócrates e alguns outros gregos, alguns deles sofistas, como Cálicles e Trasímaco. E é nesse contexto que Trasímaco diz: justiça, ah, esse é o interesse do mais forte.

O que você quer dizer com interesse ? Quero dizer, a justiça beneficia os mais fortes, claro. Os mais fortes. Sim, aqueles que têm mais poder, mais força.

Ah, então você quer dizer que se os escravos, estando em melhor condição física e sendo mais fortes, pudessem derrubar os governantes, isso seria perfeitamente justo, pois seria do interesse dos mais fortes. Não, eu não disse isso. Bem, o que você quer dizer? E Trasímaco é forçado a qualificar suas afirmações iniciais, a modificar sua hipótese inicial impensada.

Agora, esse processo de buscar perguntas para forçar a linha de pensamento de uma pessoa a se abrir , a ir cada vez mais longe , até que as autocontradições sejam expostas ou conclusões absurdas venham à tona, ou então a verdade comece a emergir, razoável, plausível, consistente. Esse é o método socrático. Essa é a parteira intelectual.

Esse é o início do tipo de método que Platão chama de dialética. Agora, não associe isso a qualquer noção de dialética marxista, tese, antítese ou síntese. Esse é um uso posterior do termo.

Essa noção de dialética está literalmente enraizada na etimologia do termo. Eles têm o verbo "lego" para pensar. Logos, claro, é o substantivo correlato a ele.

Dia é a preposição "através de". Portanto, dialética é simplesmente pensar em algo "através de". Nada muito sofisticado nisso.

Refletir sobre algo. Mas refletir sobre isso investigando: o que você quer dizer com isso? O que isso implica? Isso é logicamente consistente com aquilo? Que outras implicações se seguem? De vez em quando, tentamos o método socrático em sala de aula. Normalmente, eu o uso no primeiro dia do meu curso introdutório.

Antes de entregar o programa da disciplina, alguns de vocês se lembram disso, eu escrevo a palavra "filosofia" no quadro e digo: "Bem, vocês se inscreveram neste curso, vocês são pessoas inteligentes, sabem por que se inscreveram, então me digam o que é filosofia?". Eu recebo algumas definições vagas, obviamente um tanto incompletas, como alguns de vocês se lembram. E usando o método socrático, questionamos e desafiamos isso, aquilo e aquilo outro, e gradualmente refinamos até termos algo com que possamos conviver por um tempo. Método socrático.

Eu tive um professor na pós-graduação que usava isso periodicamente. Lembro-me de uma vez, em um seminário avançado sobre um trabalho recente em filosofia, fiz um comentário sobre o que estávamos lendo, e o professor disse: "Muito bem, continue". Então, me deparei com outro pensamento.

Muito bem, e agora? Empurra, empurra, empurra. Pensa, cara, pensa. Dialética, pensando bem nisso.

Certo, então esse é o método. O que ele busca? Conhecer a verdade, no caso de Sócrates, sobre ideais morais, sobre as virtudes. O que é justiça? O que é amor? E a amizade? A coragem? E assim por diante.

Portanto, a contribuição de Sócrates é significativa. Agora, você conhece a história de Sócrates. Como ele foi acusado de corromper a juventude de Atenas.

Claro, ensinar as pessoas a pensar é uma tarefa perigosa. É verdade que pais e eleitores nem sempre gostam quando seus filhos começam a pensar coisas que eles não querem que pensem. Bem, é um problema antigo.

Não se dedique à educação se quiser navegar em águas tranquilas pelo resto da vida. Por outro lado, no caso de Sócrates, ele estava disposto a enfrentar as dificuldades. E recusou-se até mesmo, no fim, a desistir para escapar da execução.

E mesmo tendo tido a oportunidade de escapar na noite anterior, ele recusou. Diz ele, em seu pedido de desculpas — e essa parte não foi citada, mas está no texto, página 90 —, que a dificuldade não é evitar a morte, mas evitar a injustiça. Renegar o que vinha fazendo porque acreditava ser certo, renegar isso, traição à verdade.

E, diz ele em outro lugar, valerá a pena viver se essa parte superior do homem for destruída, a alma, que é aprimorada pela justiça, mas depravada pela injustiça? Parece quase como se fosse a mesma coisa que Jesus disse: que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Entende ? A preocupação de Platão, a preocupação de Sócrates, está aí. Assim como a medicina e o exercício são para o corpo, as boas leis e a administração da justiça são para a alma.

E, como se depreende disso, ele enxerga o papel da cidade-estado nesse aspecto, a função do governo e seu pensamento político. De fato, nos escritos de Platão, encontramos críticas ao famoso estadista e orador ateniense Péricles. Platão considera Péricles um grande orador por sua atenção à razão e à virtude, citando Anaxágoras e o conceito de razão e nous governando todas as coisas. E, em sua política interna, Péricles fez um trabalho bastante tolerável. Mas, por outro lado, em suas relações com outros estados, a chave do seu sucesso não era a justiça, a justiça igual para todos, como em sua política interna, mas sim o poder! Entende ? E, mesmo internamente, algumas de suas políticas, sobre como e o que recompensavam os cidadãos, fomentavam a ociosidade e a avareza. Mas, particularmente em sua política externa, ele parece ter operado sob a premissa de que justiça significa fazer o bem aos amigos e o mal aos inimigos.

Justiça significa fazer o bem aos amigos e o mal aos inimigos. Platão não concordaria com isso. Entende ? Não, porque Péricles fez mau uso de sua poderosa retórica.

Ele deveria ter usado isso para incutir temperança e justiça nas almas das pessoas e para eliminar qualquer pensamento de injustiça. Mas não o fez. E, ao longo de sua carreira, oscilou entre a tradição do retórico relativista, entende? E o apelo racional daqueles que acreditam que existe algo como justiça objetiva enraizada na natureza das coisas .

Péricles. Ah, Platão critica os poetas. Homero.

Ah, escuta. Ele não tinha experiência como estadista ou conselheiro militar, mas escreve sobre tudo isso, simplesmente copiando os outros. Ele não tem opinião própria para emitir.

Homero. Veja bem, essa é uma das razões pelas quais ele diz que a arte é apenas uma cópia de algo. Homero simplesmente copiava.

Homero imitador. Mas ele é particularmente crítico dos sofistas. Entende ? Com sua retórica, eles buscavam riqueza e poder.

Eles não conseguiam fazer uma distinção significativa entre o bem e o mal. E, ao longo dos escritos de Platão, há essa crítica à retórica sofística. Sim.

A retórica dos sofistas. Avançando para Aristóteles. Aristóteles fala dos erros dos sofistas.

E, mesmo na língua inglesa, hoje em dia, temos a palavra sofisma. Sofisma é uma conversa rebuscada que na realidade não é muito racional.